



Dialogismo e subjetividade no discurso do Papa Francisco aos indígenas da Amazônia, no Peru

Michel Pratini Bernardo da Silva

Mestre em Linguística

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.

E-mail: mchel_pbs@hotmail.com

É membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação - GPLEI.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2024-4048>

Darcijane dos Santos Nunes

Mestre em Linguística

Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, Brasil.

E-mail: darcycute@hotmail.com

É membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação - GPLEI.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1194-6152>

Maria de Fátima Almeida

Doutora em Linguística

Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil.

E-mail: falmed@uol.com.br

É pós doutora em Linguística pela Universidade de Brasília e líder do Grupo de Pesquisa Linguagem, Enunciação e Interação - GPLEI.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8890-6170>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 4

Número 2

Recebido em: 14/08/19

Aprovado em: 14/09/19

Resumo

No presente artigo, objetivamos, à luz da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), investigar os procedimentos dialógico-discursivos, utilizados pelo Papa Francisco, no primeiro encontro com os povos indígenas amazônicos do Peru. Para realização do estudo, coletamos, inicialmente, o pronunciamento do Papa no *site* do vaticano e, posteriormente, procedemos à sistematização, análise e interpretação dos dados. Os resultados revelaram que, ao enunciar, o sujeito do discurso levou em consideração o seu destinatário para convocar vozes sociais, ora com um tom valorativo que convoca o auditório à reflexão, ora com um tom valorativo que revela a Igreja, instituição universal, como benevolente, receptiva e acolhedora.

Palavras-chave: Dialogismo. Subjetividade. Papa Francisco. Indígenas do Peru

1 Introdução

Para Bakhtin (2003), não existe nem a primeira nem a última palavra, uma vez que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem. Em vista disso, a realidade linguístico-social de qualquer sujeito é heterogênea, visto que é perpassada por uma densidade dialógica e ideológica de vozes, simultaneamente. É imerso nessa múltipla dimensão socioideológica que o sujeito apreende as vozes que o constitui discursivamente. Segundo Faraco (2009), seu mundo interior não é único, mas um agitado aglomerado de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques.

Nesse sentido, a consciência ‘individual’ do sujeito é social, é dialógica por natureza, haja vista que se constitui uma arena de vozes com as quais estabelece diversos diálogos, entrando, por sua vez, em acordo ou desacordo, em confirmação ou refutação, em polemização ou aceitação etc. Em consequência disso, “todos os nossos enunciados são plenos de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância”. (BAKHTIN, 2003, p.295).

Com base nisso, objetivamos investigar os procedimentos dialógico-discursivos utilizados pelo Papa Francisco em seu pronunciamento aos indígenas da Amazônia, no Peru, em janeiro de 2018. Como pressuposto teórico-metodológico, adotamos a Análise Dialógica do Discurso (ADD)¹ - concepção de linguagem que advém dos escritos do Círculo de Bakhtin, bem como os estudos discursivos dos autores que se pautam nessa perspectiva da linguagem.

O estudo apresenta uma abordagem qualitativo-interpretativista e se caracteriza como uma pesquisa de natureza descritiva, explicativa e interpretativa. Para sua composição, acessamos, inicialmente, o *site* do Vaticano para coletar o discurso realizado pelo Papa Francisco no encontro com os povos da Amazônia, em Puerto Maldonado, Peru. Destacamos que o pronunciamento realizado pela autoridade eclesiástica ocorreu em língua espanhola. Entretanto, utilizamos uma tradução, em língua portuguesa, apresentada pelo *site* oficial do Vaticano. Após a coleta dos dados, procedemos à sistematização, análise e interpretação dos dados.

O artigo em questão é resultado de estudos realizados no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING/UFPB e está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, expomos os conceitos que norteiam nossa investigação; na segunda seção, a análise e interpretação dos dados e, por fim, apresentamos algumas considerações finais.

¹ A nomenclatura *Teoria Dialógica da Linguagem* (TDL) ou *Análise Dialógica do Discurso* (ADD) foi proposta por Beth Brait, pesquisadora contemporânea dos escritos do Círculo de Bakhtin, em seu livro *Bakhtin: outros conceitos-chave* (2006), para sustentar a tese de que o conjunto de obras do Círculo motivou o nascimento de uma teoria/análise dialógica do discurso. Ao adotar esta terminologia acerca dos estudos bakhtinianos, objetivamos, durante nosso texto, refletir sobre as ideias de Bakhtin e Volóchinov, os quais se constituem membros do grupo em questão. Salienta-se também que nossas considerações compreendem reflexões de comentadores contemporâneos, a saber: Sobral (2009) e Fiorin (2010).

2 Aporte teórico

Nesta seção, apresentaremos os principais conceitos que subsidiarão a análise dos dados coletados para o estudo. Ela se organizará em subtópicos, os quais abordarão, de forma breve, a concepção de linguagem que fundamenta este trabalho, bem como as noções de signo ideológico, consciência individual, enunciado, dialogismo, sujeito, dentre outras que serão relevantes para análise dos dados.

2.1. A natureza social da linguagem

Embora Bakhtin, Volóchinov, Medvedev, dentre outros componentes do Círculo, tivessem formações intelectuais distintas, todos tinham um singular interesse pelo campo da linguagem. Para eles, o fenômeno linguístico não correspondia, unicamente, a um sistema estável e imutável de formas organizadas por normas internas, nem a um produto acabado, inerte e depositado na mente do indivíduo, sem qualquer relação com o social. A língua, então, não se resume aos princípios apontados pelo Objetivismo Abstrato, corrente filosófica hegemônica na primeira metade do século XX cujos principais representantes são Saussure e seus discípulos Bally e Sechehaye, nem pelos ideais preconizados pelo Subjetivismo Idealista, cujo principal representante é Wilhelm Humboldt.

Para os pensadores do Círculo, a linguagem é uma prática social, mediada pelos enunciados concretos, os quais são produzidos, durante uma situação de enunciação, por sujeitos socialmente, ideologicamente, historicamente e culturalmente situados. A linguagem é, portanto, resultado da interação verbal, como observamos a seguir:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2009, p. 127).

A partir do exposto, compreende-se que a linguagem é fruto da interação verbal, que, segundo Sobral (2009, p.21), “é apresentada como constitutiva do processo de criação do sentido, pois, sem ela, há uma separação, ou afastamento, do diálogo e, portanto, não há sentido”. Logo, para o Círculo, as análises fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas não dão conta, em sua integridade, da linguagem em situações reais de comunicação. Em vista disso, surge, em Problemas da Poética de Dostoiévski (2013), o termo *Metalinguística*, atualmente denominado *Translinguística*, para designar uma disciplina cujo objetivo é fornecer uma “análise do modo de

funcionamento real da linguagem, o que significa a análise da historicidade do discurso” (FIORIN, 2010, p.36).

Nesse sentido, a Linguística estuda a língua e a Translinguística, o enunciado concreto. Entretanto, convém ressaltar que uma análise Linguística pode servir de base para uma observação Translinguística. Um pesquisador consciente saberá que as categorias de uma poderão fundamentar a análise de outra. Ademais, convém ressaltar que, segundo Fiorin (2010), a Translinguística debruça-se sobre a singularidade do enunciado concreto e tem por objeto o exame das relações dialógicas, que são inerentes ao modo de funcionamento real. Nessa perspectiva de estudo, o dialogismo é o princípio fundante do sujeito e, por sua vez, da linguagem, aspecto que discutiremos a seguir.

2.2. Dialogismo e subjetividade

Para Bakhtin (2003), a inter-relação ‘eu-outro’ é o princípio fundante do processo de constituição do sujeito e, por sua vez, da linguagem, a qual lhe é inerente. Dessa forma, nos constituímos, mutualmente, na alteridade, na relação que estabelecemos uns com os outros no meio social. É na interação com o outro, a partir do seu horizonte axiológico, que nos reconhecemos, nos entendemos como sujeitos no mundo, uma vez que “o que vejo predominantemente no outro em mim mesmo só o outro vê” (BAKHTIN, 2003, p.22). Nesse sentido, é na interação social que os indivíduos vão se constituindo reciprocamente.

Entretanto, convém ressaltar que tal aspecto não exclui a individualidade do sujeito, uma vez que, segundo Sobral (2009, p.50), “para o Círculo, “individual” e “social” não se opõem, sendo um parte integrante do outro: sem os outros não há eu, mas sem eu não há outro”. Ainda para o autor, o indivíduo “traz na constituição de sua condição de sujeito, de sua “subjetividade”, as marcas dos aspectos sociais e históricos de sua vida em sociedade”. Logo, nessa perspectiva, o sujeito vive uma tensão entre o que é da ordem do social e o que é da ordem do individual, haja vista que não é totalmente subordinado nem totalmente autônomo.

Para o Círculo de Bakhtin, a consciência individual de qualquer sujeito é socioideológica, visto que é resultado do processo de interação verbal. Dessa forma, ela não é monológica, ou seja, não é fruto de uma capacidade cognitiva biológica específica, mas é, indiscutivelmente, dialógica e ideológica, já que se constitui a partir da relação que o sujeito estabelece com os discursos sociais. Conforme Volochínov (1976a *apud* SOBRAL, 2009, p.49), a consciência individual só existe “na concretude material dos signos”; assim sendo, é indispensável que dois sujeitos estejam socialmente organizados e formem uma unidade social para que ela se concretize.

O signo é ideológico por natureza, uma vez que não apenas reflete, mas também refrata uma realidade social, ou seja, veicula os posicionamentos axiológicos dos sujeitos sobre os aspectos do mundo real. Nesse viés, podemos afirmar que tanto a

consciência individual quanto a palavra do sujeito são fenômenos ideológicos por excelência, porquanto são reflexos da heterogeneidade discursiva e ideológica do meio social em que emergem.

A palavra, entendida também como enunciado concreto, é uma arena, um local de embates ideológicos, dado que veicula os pontos de vistas dos sujeitos, considerados, por Bakhtin (2003), inerentemente, responsivos ativos, em virtude de sempre estarem em acordo ou desacordo etc. com outros pontos de vistas. Nesse sentido, o autor afirma que,

Com efeito, em condições normais, nós sempre estamos ou de acordo ou em desacordo com o que se diz; e nós trazemos, via de regra, uma resposta a todo enunciado do nosso interlocutor – resposta que não é necessariamente verbal, podendo consistir em um gesto, um movimento das mãos, um sorriso, um franzimento de testa etc. Pode-se, portanto, afirmar que toda comunicação, toda interação verbal, se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, isto é, na dimensão de um diálogo (VOLÓCHINOV, 1930, p.5).

Conforme exposto, todo dizer provoca uma resposta responsiva ativa do enunciador, o qual não é passivo, mas sujeito ativo do diálogo social. Assim sendo, no grande tempo², todo enunciado parte de um já-dito e origina respostas futuras, haja vista que enunciar é posicionar-se, é responder, é adentrar, como participante efetivo, à grande corrente da comunicação verbal. Segundo Sobral (2009), o sujeito sempre age de forma a avaliar o que faz ao agir e falar, aspecto pelo qual também se responsabiliza e faz a partir da sua relação com o social.

Em consequência disso, Bakhtin (2003) afirma que o enunciado corresponde a um elo da complexa e organizada cadeia de enunciados. De modo semelhante, Volóchinov (1930) concebe essa unidade da comunicação discursiva como uma gota no grande rio da comunicação verbal. Ademais, convém destacar que qualquer discursivo vivo, constituído na esfera do dito, é determinado por um discurso resposta que ainda não foi enunciado. Com base nisso, Bakhtin (2003) também declara que os nossos enunciados apresentam ecos e ressonâncias de outros enunciados, os quais são provenientes dos discursos sócio-históricos que entramos em contato durante a nossa vivência. Para o autor,

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim, dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por uma névoa escura ou, pelo contrário iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra nesse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos,

² A expressão “grande tempo” faz referência a um espaço/tempo - social, histórico, cultural e ideológico - que um enunciado pode surgir.

tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, [1895-1975] 1993, p. 86).

Em vista disso, nossos enunciados não tocam um dado objeto da realidade, mas estabelecem relações dialógicas (relações de sentidos) com outros enunciados que estão ao redor de um determinado objeto de discurso. Vale destacar que, de acordo com Bakhtin (1993), o discurso de outrem não entra em contato mecânico com o discurso que o emoldura, uma vez que o contexto estabelece uma unificação química e dá-lhe um colorido dialógico.

Ainda segundo Bakhtin (1993, p.133), “um polemista de má-fé e finório sabe perfeitamente que fundo dialógico subpor às palavras de seu adversário citadas com precisão para deturpar o seu sentido”. Logo, nesse processo, o sujeito, a partir do seu projeto discursivo, pode elaborar significativas modificações no dizer alheio, transformando, por sua vez, em cômico, divertido e jocoso o mais sério e formal enunciado.

Dado o exposto, verificamos que todo enunciado concreto, unidade de comunicação discursiva, apresenta certo grau de alteridade, uma vez que a experiência discursiva de qualquer indivíduo se desenvolve na interação verbal entre sujeitos sócio-historicamente situados. Desse modo, o dialogismo é o princípio constitutivo do sujeito e do modo de funcionamento real da linguagem.

Outrossim, cabe ressaltar que todo enunciado concreto, dialógico por natureza, apresenta um sujeito autor, que, de acordo com Sobral (2009, p.52), “é levado a assumir esta ou aquela posição com relação ao outro”. Entre os aspectos que lhes são inerentes, encontramos o tom valorativo, aspecto social por excelência e indispensável no processo de constituição dos possíveis sentidos das unidades reais de comunicação da língua. O tom valorativo de qualquer enunciado concreto tem por base a relação volitivo-emocional do sujeito com o objeto de discurso, bem como com seus possíveis interlocutores (destinatários).

Por fim, não menos relevante, o sujeito autor produz seu enunciado levando em consideração um destinatário, o qual, segundo Bakhtin (2003), pode ser o participante-interlocutor direto do diálogo ou uma coletividade, um público específico, a exemplo: políticos, religiosos, juristas etc. Segundo o filósofo da linguagem,

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o estilo do enunciado (BAKHTIN, [1895-1975] 2003, p.302).

Assim, todo enunciado é socialmente orientado, endereçado ou destinado, haja vista que, ao falarmos, levamos em consideração, do nosso ponto de vista, a maneira como o nosso enunciado é recebido pelo outro. Nesse processo, delineamos o perfil do interlocutor, que direcionará as escolhas estilísticas e as tonalidades dialógicas que constituirão o enunciado concreto. A seguir, vejamos como os aspectos apresentados se revelaram no pronunciamento do papa Francisco aos indígenas da Amazônia no Peru.

3. Análise dos dados

Nesta seção, apresentaremos a análise dos dados coletados para esta pesquisa. Ela está organizada especificamente em dois momentos. No primeiro, buscamos situar o enunciado em seu contexto de enunciação. No segundo, apresentamos, a partir de recortes do *corpus*, a análise dos dados.

3.1. O contexto enunciativo e as categorias de análise

O enunciado que analisaremos a seguir foi produzido em 19 de janeiro de 2018 pelo Papa Francisco, durante um encontro com os povos indígenas da Amazônia, no estádio Madre de Dios, em Puerto Maldonado, Peru. Na ocasião, reuniram-se cerca de 4000 indígenas e alguns representantes da fé católica da região com o intuito de estabelecer um diálogo de aproximação entre o povo indígena e a fé cristã. Essa iniciativa, comandada pela igreja católica, foi a primeira reunião oficial realizada pelo Papa com os indígenas amazônicos antes do Sínodo especial voltado para Amazônia, reunião do clérigo que ocorreu em outubro de 2019 cujo objetivo foi discutir a evangelização dos povos amazônicos.

O evento, conduzido por cerimonialistas, organizou-se da seguinte forma: 1. entrada do Papa, em carro aberto, no Estádio Madre de Dios ao som de cantos entoados por idosos indígenas; 2. saudações do bispo da arquidiocese local, David Martínez de Aguirre Guinea; 3. ritual de dança realizado por jovens indígenas; 4. pronunciamento de Yésica Patiachi e Héctor Sueyo, representantes indígenas; 5. canto e dança executados por jovens universitários indígenas; 6. discurso de Maria Luzmila Bermeo, representante indígena; 7. leitura da *Laudato si* por representantes indígenas; 8. entrega de presentes típico-culturais ao Papa e; 9. palavras finais.

Em seus pronunciamentos, os representantes das tribos indígenas amazônicas, Yésica Patiachi e Héctor Sueyo, falaram sobre o sofrimento ocasionado pelos impactos ambientais decorrentes do desmatamento, da mineração e das ações das companhias de petróleo. Eles realizaram, de forma expressa, um pedido de socorro ao Papa. Já a representante indígena María Luzmila Bermeo falou das famílias indígenas e convocou a população mundial a preservar as florestas.

Dado o exposto, a seguir, faremos a análise dos dados. Iniciaremos tecendo algumas considerações sobre o sujeito do discurso, especialmente da posição social que ocupa como autor do enunciado. Em seguida, realizaremos a análise do seu pronunciamento com base nos seguintes procedimentos dialógico-discursivos, os quais, ressaltamos, emergiram da observação do *corpus* coletado: 1. A relação autor e destinatário; 2. As relações de sentido entre enunciados; 3. O tom valorativo. Vale destacar que cada fragmento do enunciado em análise poderá refletir mais dos procedimentos apresentados. Dessa forma, não nos limitaremos a abordar um por vez.

3.2. Leitura dos dados

A princípio, destacamos que todo enunciado concreto possui um sujeito autor, o qual enuncia de um lugar social que ocupa em relação ao outro. Nesse viés, o pronunciamento, em análise, tem como autor o Papa Francisco, autoridade máxima constituída pela Igreja Católica Apostólica Romana durante o último Conclave, reunião de cardeais, realizada em 2013. Segundo sua biografia, publicada no site do Vaticano, Jorge Mario Bergoglio é o primeiro Papa americano e jesuíta. Leva um estilo de vida simples pautado nos votos de pobreza, costume inerente aos seguidores da ordem jesuítica. É também um religioso que acolhe as classes desfavorecidas e busca promover, de forma mais flexível, diálogos.

Além de um autor, todo enunciado concreto pressupõe um destinatário, aquele que levamos em consideração ao enunciar. Em seu pronunciamento, o Papa Francisco tem como participante-interlocutor direto do seu diálogo os povos indígenas que estão presentes no encontro. Entretanto, sua mensagem também se expande aos indígenas que compõem os oito países que possuem território amazônico. É possível observar este aspecto no seguinte fragmento:

Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora. A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes: por um lado, a nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses econômicos cuja avidez se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais; por outro, a ameaça contra os vossos territórios vem da perversão de certas políticas que promovem a «conservação» da natureza sem ter em conta o ser humano, nomeadamente vós irmãos amazônicos que a habitais (BERGOGLIO, 2018).³

No fragmento exposto, é possível observar o reflexo do destinatário no discurso, uma vez que, por um movimento de empatia (de tentar identificar a partir do seu horizonte a vivência do outro), o Papa Francisco busca mostrar que a Igreja tem ciência dos principais problemas enfrentados pelos povos amazônicos no interior da

³ Convém ressaltar que, por se tratar de uma tradução coletada no *site* oficial do Vaticano, não é possível referenciar as páginas, uma vez que o documento aparece em tela única.

floresta. Ao apresentar a ideologia do extrativismo e a política que promove a “conservação” da natureza como causas desses impasses, a autoridade religiosa convoca, para o enunciado, a voz social daqueles que buscam tirar proveito das terras habitadas por nativos amazônicos.

O ato de explorar recursos naturais oriundos da floresta amazônica é um costume ilegal desde o processo de colonização não apenas do Peru, mas também dos demais países que compõem a Pan- Amazônia⁴. Esta ação provoca desequilíbrios no ecossistema, gerando impactos ambientais como o desmatamento, a poluição dos rios, a destruição da fauna e da flora local, dentre outros aspectos que trazem grandes problemas para os nativos da região. A ganância dos capitalistas tem gerado a extinção de muitos povos, por consequência, de culturas, especialmente no Peru, país em que 60% do território, de acordo com dados do *site* Vaticano, é constituído de selva alta e selva baixa.

Ao reconhecer essa problemática social, o Papa Francisco convoca um discurso da Bíblia, livro sagrado do cristianismo, para afirmar que não devemos estar apáticos ao sofrimento do povo amazônico. Vejamos:

Quem dera que se ouvisse o grito de Deus, perguntando a todos nós: “Onde está o teu irmão?”. Onde está o teu irmão escravo? [...] Não nos façamos de distraídos [olhando para o ouro lado]! Há muita cumplicidade... A pergunta é para todos (BERGOGLIO, 2018).

Dado que todo enunciado se constitui também na esfera do já dito, o religioso recuperou, no fragmento apresentado, uma narrativa bíblica que está presente no livro de Gênesis, capítulo 4. Na estória, após serem expulsos do Paraíso criado por Deus, Adão e Eva concebem, inicialmente, Caim e, posteriormente, Abel; um era lavrador da terra e outro, pastor de ovelhas. Ao crescerem, ambos ofereceram, a Deus, as primícias do seu trabalho. A narrativa revela que a oferta de Abel teria agradado mais a Deus do que a de Caim, o qual, por ciúmes, resolveu matar o seu irmão. Algum tempo depois, Deus lhe perguntou onde estaria Abel e Caim, indiferente, respondeu com arrogância.

Em seu pronunciamento, o sujeito do discurso recupera o enunciado bíblico com a intenção de expressar que os cristãos, como os membros da Igreja de Cristo, não podem ser, assim como Caim, indiferentes aos problemas vivenciados por aqueles que também são seus irmãos. Dessa forma, o Papa Francisco, com uma tonalidade que convoca à reflexão, convida os fiéis ao exercício da cumplicidade e da empatia para com o povo amazônico.

Em continuidade, a autoridade religiosa estabelece outras relações de sentido em seu enunciado. Observemos:

⁴ Países da Pan – Amazônia (Brasil, Venezuela, Peru, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa e Suriname).

Como não lembrar São Toríbio quando constatava, com grande pesar, no III Concílio Limense que «não só nos tempos passados se fizeram a estes pobres tantos agravos e violências com tantos excessos, mas ainda hoje muitos continuam a fazer as mesmas coisas». Infelizmente, depois de cinco séculos, estas palavras continuam a ser atuais.

[...] Mais uma vez, como expressei na *Laudato si'*, é necessário levantar a voz contra a pressão que alguns organismos internacionais fazem em certos países para promover políticas de esterilização. Estas encarniçam-se de modo mais incisivo sobre as populações aborígenes. Sabemos que nelas se continua a promover a esterilização das mulheres, às vezes sem conhecimento delas próprias (BERGOGLIO, 2018).

No fragmento citado, observamos que o Papa Francisco convoca, de forma direta, a voz de São Toríbio de Mongrovejo, advogado, membro do Tribunal da Santa Inquisição e arcebispo da cidade de Lima, capital de Peru, a partir de 1580. O religioso, durante o exercício da sua liderança – especialmente no III Concílio Limense (1982 – 1983) –, revelou grande preocupação com a situação e a evangelização dos indígenas amazônicos. Ao recuperá-lo, o sujeito enunciador, com um tom valorativo que convoca à reflexão, visa demonstrar que não houve muitas mudanças em relação à constatação de São Toríbio, que já entendia como inadmissível o sofrimento do povo indígena do Peru há quatro séculos.

Outra voz, que se mostra presente no fragmento, é um enunciado escrito pelo próprio Papa Francisco na *Laudato si* (2015), uma espécie de Encíclica - comunicação oficial escrita pelo Papa aos bispos e fiéis da Igreja – cujo objetivo era mostrar que o ser humano vive na terra, por isso, é preciso preservá-la ambientalmente, visto que ambos são indissociáveis. No trecho da *Laudato si*, o Papa Francisco faz uma crítica às políticas de esterilização dos povos nativos.

O enunciado em questão é recuperado para reafirmar a importância de se combater políticas cujo principal objetivo seja a extinção e a exterminação de povos autóctones, para que os possíveis interessados tenham livre acesso ao território amazônico. No excerto apresentado, o sujeito enunciador chama a atenção, especialmente, para o fato de essas problemáticas ocorrerem entre as mulheres aborígenes, de forma in (consciente) e ilegal, no fim da gestação.

Em seguida, no *corpus* analítico, é possível verificar que o Papa Francisco enfatiza a importância do respeito à cultura indígena amazônica, aspecto presente no seguinte trecho:

Como é importante o que nos diziam Yésica e Héctor: «Queremos que os nossos filhos estudem, mas não queremos que a escola cancele as nossas tradições, as nossas línguas, não queremos esquecer-nos da nossa sabedoria ancestral!»! A educação ajuda-nos a lançar pontes e a gerar uma cultura do encontro. A escola e a educação dos povos nativos devem ser uma prioridade e um compromisso do Estado; compromisso integrador e inculturado que assuma, respeite e integre como um bem de toda a nação a sua sabedoria ancestral. Assim nô-lo assinalava Maria Luzmila (BERGOGLIO, 2018).

No excerto acima, verificamos que o sujeito enunciador recupera, de forma direta, um fragmento do discurso de Yéssica e Héctor, representantes da tribo indígena amazônica Harakbut, produzido durante o encontro em questão. Esse movimento de resposta é algo inerente ao enunciado concreto, visto que somos sujeitos responsivos, isto é, estamos em constante diálogo, em relação de acordo, de desacordo, de aplicação, de refutação, de polemização etc.

Observamos que, ao convocar o enunciado outrora explicado, o Papa Francisco, com um tom acolhedor, ressalta a importância da educação como elemento integrador entre culturas distintas. Ao proceder assim, ele deixa claro, intencionalmente, para o seu destinatário que deseja promover diálogos, respeitando a cultura alheia, bem como expressa que uma educação, compromissada com a integração entre a cultura religiosa católica e a cultura indígena amazônica, deve ser prioridade para o governo do país.

Ademais, a autoridade religiosa encerra o fragmento fazendo referência à sabedoria ancestral, um aspecto que também foi ressaltado durante o discurso de Maria Luzmila, oradora do povo indígena. De forma geral, os discursos dos representantes aborígenes entram, na enunciação, com a finalidade de respaldar a intenção discursiva do enunciador: expressar, para o público presente e sua classe social, que a Igreja, instituição religiosa, tem ciência dos problemas que passam e os acolherá.

Antes de concluir seu pronunciamento, o Papa Francisco menciona a história de uma personagem bíblica, considerada, entre os cristãos, o filho da promessa de Deus, Jesus Cristo. Vejamos:

Queridos irmãos da Amazônia, quantos missionários e missionárias se comprometeram com os vossos povos e defenderam as vossas culturas! Fizeram-no, inspirados no Evangelho. Cristo também Se encarnou numa cultura, a hebraica, e a partir dela ofereceu-Se-nos como novidade a todos os povos, para que cada um, a partir da respetiva identidade, se sinta autoafirmado n'Ele. Não sucumbais às tentativas em ato para desarraigá-la a fé católica dos vossos povos. Cada cultura e cada cosmovisão que recebe o Evangelho enriquecem a Igreja com a visão duma nova faceta do rosto de Cristo. A Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida, não quer ser estranha ao vosso modo de viver e de vos organizardes (BERGOGLIO, 2018).

No excerto acima, verificamos uma correlação dos missionários e das missionárias da Igreja com a personagem bíblica Jesus Cristo. Nesse entremeio, é como se o Papa desejasse ressaltar que o segmento religioso sempre esteve presente e interessado em ajudar por meio de pessoas que respeitavam a cultura e, muitas vezes, estavam dispostas a se sacrificar em prol dos nativos. Esta comparação se dá, uma vez que, na Bíblia Sagrada, Jesus Cristo é considerado o exemplo missionário, conforme exposto em Mateus, capítulo 4 e versículo 23: “E percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas suas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo” (ALMEIDA, 1969, p.6).

Nessa comparação, o sujeito enunciador faz referência novamente ao necessário respeito à cultura indígena, visto que Cristo teria encarnado em uma cultura específica, respeitando, portanto, a identidade de um povo, a qual só enriquece a Igreja, dando-lhe mais uma cosmovisão cultural. Vale salientar que esse discurso é enunciado em uma tonalidade valorativa benevolente, acolhedora e receptiva, de modo a gerar, para o público presente e sua classe social, uma imagem positiva da instituição religiosa que o Papa Francisco representa, bem como uma visão de que a Igreja deseja integrar-se à cultura nativa e não extingui-la.

4. Considerações Finais

No presente artigo, objetivamos investigar, à luz da Análise Dialógica do Discurso, os procedimentos dialógico-discursivos utilizados pelo sujeito Papa Francisco ao enunciar para os indígenas da Amazônia, no Peru, em 2018. A partir do *corpus* analisado, observamos que o sujeito enunciador, na construção do seu discurso, mobilizou, de forma recorrente, os seguintes mecanismos dialógicos: 1. A relação autor e destinatário; 2. As relações de sentido entre enunciados; 3. O tom valorativo.

A análise apontou que, em seu pronunciamento, o Papa Francisco levou em consideração o seu destinatário, uma vez que buscou, por um movimento de empatia, abarcar, em seu discurso, as necessidades dos nativos amazônicos do Peru, mostrando que a Igreja, instituição a qual representa, tem conhecimento do sofrimento que os propulsores do extrativismo e das políticas de “conservação” da natureza têm causado ao povo nativo.

Em seguida, o Papa Francisco recuperou algumas vozes sociais: o discurso de São Toríbio no III Concílio Limense; considerações da *Laudato si*; colocações dos representantes indígenas enunciadas durante o evento; menções ao livro sagrado do cristianismo etc. Os enunciados citados contribuem, de forma geral, para mostrar, ao destinatário, a imagem de uma Igreja consciente, solidária e integradora, de uma instituição que busca promover o diálogo, reconhecendo a importância do indígena e da sua cultura.

Observamos, por fim, que o pronunciamento da autoridade máxima da Igreja Católica apresentou, em seu discorrer, tonalidade valorativas reflexivas e acolhedoras. Isto porque, em determinado momento, o Papa convocava o fiel à reflexão acerca do papel cristão em relação aos indígenas amazônicos, já, em outro, mostrava que a Igreja desejava acolhê-los, respeitando a sua cultura.

Referências

- BAKHTIN, M. M. [Volochinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- _____. *Estética da criação verbal*. [Introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo por Paulo Bezerra. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BERGOGLIO, José Mario. *Discurso do Papa no Encontro com os povos da Amazônia*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazzonia.html. Acesso em: julho de 2019.
- BÍBLIA Sagrada. [Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, revista e corrigida.] Ed. 1995. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, J. L.. *Categorias de análise em Bakhtin*. In: Luciane de Paulo; Grenissa Stafuzza. (Org.). *Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis*. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010, v. 1, p. 33-48.
- SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao gênero: as bases do Pensamento do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- VOLOCHÍNOV, M. N.. *Estrutura do enunciado*. [Tradução de Ana Vaz]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/81664106/BAKHTIN-Estrutura-Do-Enunciado>. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

Anexo

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO AO CHILE E PERU (15-22 DE JANEIRO DE 2018)

Queridos irmãos e irmãs!

Aqui, junto de vós, brota do meu coração o cântico de São Francisco: «Louvado sejas, meu Senhor». Sim, louvado sejas pela oportunidade que nos dais de termos este encontro. Obrigado D. David Martinez de Aguirre Guiné, senhor Héctor, senhora Yésica e senhora Maria Luzmila pelas vossas palavras de boas-vindas e pelos vossos testemunhos. Em vós, quero agradecer e saudar todos os habitantes da Amazônia.

Vejo que viestes dos diferentes povos originários da Amazônia: Harakbut, Esse-ejas, Matsiguenkas, Ynes, Shipibos, Asháninkas, Yaneshas, Kakintes, Nahuas, Yaminahuas, Juni Kuin, Madijá, Manchineris, Kukamas, Kandozi, Quichuas, Huitotos, Shawis, Achuar, Boras, Awajún, Wampis, entre outros. Vejo também que nos acompanham povos originários dos Andes que chegaram à floresta e se fizeram amazônicos. Muito desejei este encontro. Quis começar daqui a visita ao Peru. Obrigado pela vossa presença e por nos ajudardes a ver mais de perto, nos vossos rostos, o reflexo desta terra. Um rosto plural, duma variedade infinita e duma enorme riqueza biológica, cultural e espiritual. Nós, que não habitamos nestas terras, precisamos da vossa sabedoria e dos vossos conhecimentos para podermos penetrar – sem o destruir – no tesouro que encerra esta região, ouvindo ressoar as palavras do Senhor a Moisés: «Tira as tuas sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa».

Deixai-me dizer mais uma vez: Louvado sejas, Senhor, por esta obra maravilhosa dos povos amazônicos e por toda a biodiversidade que estas terras contêm!

Este cântico de louvor esboroa-se quando ouvimos e vemos as feridas profundas que carregam consigo a Amazônia e os seus povos. Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas.

Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora. A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes: por um lado, a nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses

econômicos cuja avidez se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais; por outro, a ameaça contra os vossos territórios vem da perversão de certas políticas que promovem a «conservação» da natureza sem ter em conta o ser humano, nomeadamente vós irmãos amazônicos que a habitais. Temos conhecimento de movimentos que, em nome da conservação da floresta, se apropriam de grandes extensões da mesma e negociam com elas gerando situações de opressão sobre os povos nativos, para quem, assim, o território e os recursos naturais que há nele se tornam inacessíveis. Este problema sufoca os vossos povos, e causa a migração das novas gerações devido à falta de alternativas locais. Devemos romper com o paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes.

Considero imprescindível fazer esforços para gerar espaços institucionais de respeito, reconhecimento e diálogo com os povos nativos, assumindo e resgatando a cultura, a linguagem, as tradições, os direitos e a espiritualidade que lhes são próprios. Um diálogo intercultural, no qual sejas «os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os [vossos] espaços». O reconhecimento e o diálogo serão o melhor caminho para transformar as velhas relações marcadas pela exclusão e a discriminação.

Em contrapartida, é justo reconhecer a existência de esperanças iniciativas que surgem das vossas próprias realidades locais e das vossas organizações, procurando fazer com que os próprios povos originários e as comunidades sejam os guardiões das florestas e que os recursos produzidos pela sua conservação revertam em benefício das vossas famílias, na melhoria das vossas condições de vida, da saúde e da instrução das vossas comunidades. Este «bom agir» está em sintonia com as práticas do «bom viver», que descobrimos na sabedoria dos nossos povos. Seja-me permitido dizer que se, para alguns, sois considerados um obstáculo ou um «estorvo», a verdade é que vós, com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência dum estilo de vida que não consegue medir os custos do mesmo. Vós sois memória viva da missão que

Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum.

A defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida. Conhecemos o sofrimento que suportam alguns de vós por causa de derrames de hidrocarbonetos que ameaçam seriamente a vida das vossas famílias e poluem o vosso ambiente natural.

Paralelamente, há outra devastação da vida que está associada com esta poluição ambiental causada pela extração ilegal. Refiro-me ao tráfico de pessoas: o trabalho escravo e o abuso sexual. A violência contra os adolescentes e contra as mulheres é um grito que chega ao céu. «Sempre me angustiou a situação das pessoas que são objeto das diferentes formas de tráfico. Quem dera que se ouvisse o grito de Deus, perguntando a todos nós: “Onde está o teu irmão?”. Onde está o teu irmão escravo? (...) Não nos façamos de distraídos [olhando para o outro lado]! Há muita cumplicidade... A pergunta é para todos!»

Como não lembrar São Toríbio quando constatava, com grande pesar, no III Concílio Limense que «não só nos tempos passados se fizeram a estes pobres tantos agravos e violências com tantos excessos, mas ainda hoje muitos continuam a fazer as mesmas coisas» (III Sessão, c. 3). Infelizmente, depois de cinco séculos, estas palavras continuam a ser atuais. As palavras proféticas daqueles homens de fé – como nos lembraram Héctor e Yésica – são o grito destas pessoas, muitas vezes constrangidas ao silêncio ou a quem tiraram a palavra. Esta profecia deve continuar presente na nossa Igreja, que nunca cessará de levantar a voz pelos descartados e os que sofrem.

Desta preocupação deriva a opção primordial pela vida dos mais indefesos. Penso nos povos referidos como «Povos Indígenas em Isolamento Voluntário» (PIAV). Sabemos que são os mais vulneráveis dos vulneráveis. A herança de épocas passadas obrigou-os a isolar-se até das suas próprias etnias, começando uma história de reclusão nos lugares mais inacessíveis da floresta para poderem viver em liberdade. Continuai a defender estes irmãos mais vulneráveis. A sua presença recorda-nos que não podemos dispor dos bens comuns ao ritmo da avidez e do consumo. É necessário haver limites que nos ajudem a defender-nos de toda a tentativa de destruição maciça do habitat que nos constitui.

O reconhecimento destes povos – que não podem jamais ser considerados uma minoria, mas autênticos interlocutores –, bem como de todos os povos indígenas, lembra-nos que não somos os donos absolutos da criação. É urgente acolher o contributo essencial que oferecem à sociedade inteira, não fazer das suas culturas uma idealização dum estado natural nem uma espécie de museu dum estilo

de vida de outrora. A sua visão do mundo, a sua sabedoria tem muito para nos ensinar a nós que não pertencemos à sua cultura. Todos os esforços que fizermos para melhorar a vida dos povos amazônicos serão sempre poucos. São preocupantes as notícias que chegam sobre a difusão de algumas doenças. Assusta o silêncio, porque mata. Com o silêncio, não geramos ações tendentes à prevenção, sobretudo para os adolescentes e os jovens, nem nos ocupamos dos doentes, condenando-os à exclusão mais cruel. Pedimos aos Estados que se implementem políticas de saúde interculturais, que tenham em conta a realidade e a cosmovisão dos povos, formando profissionais da sua própria etnia que saibam enfrentar a doença a partir da sua visão do cosmos. Mais uma vez, como expressei na *Laudato si'*, é necessário levantar a voz contra a pressão que alguns organismos internacionais fazem em certos países para promover políticas de esterilização. Estas encarnçam-se de modo mais incisivo sobre as populações aborígenes. Sabemos que nelas se continua a promover a esterilização das mulheres, às vezes sem conhecimento delas próprias.

A cultura dos nossos povos é um sinal de vida. A Amazônia, além de constituir uma reserva da biodiversidade, é também uma reserva cultural que deve ser preservada face aos novos colonialismos. A família é – como disse uma de vós –, e sempre foi, a instituição social que mais contribuiu para manter vivas as nossas culturas. Em períodos de crises passadas, face aos diferentes imperialismos, a família dos povos indígenas foi a melhor defesa da vida. Exige-se-nos um cuidado especial para não nos deixarmos prender por colonialismos ideológicos mascarados de progresso, que entram pouco a pouco delapidando identidades culturais e estabelecendo um pensamento uniforme, único e... débil. Escutai os idosos, por favor. Têm uma sabedoria que os põe em contato com o transcendente e faz-lhes descobrir o essencial da vida. Não esqueçamos que «o desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal». E a única maneira de as culturas não se perderem é manter-se dinâmicas, em constante movimento. Como é importante o que nos diziam Yésica e Héctor: «Queremos que os nossos filhos estudem, mas não queremos que a escola cancele as nossas tradições, as nossas línguas, não queremos esquecer-nos da nossa sabedoria ancestral!»

A educação ajuda-nos a lançar pontes e a gerar uma cultura do encontro. A escola e a educação dos povos nativos devem ser uma prioridade e um compromisso do Estado; compromisso integrador e inculturado que

assuma, respeite e integre como um bem de toda a nação a sua sabedoria ancestral. Assim não-lo assinalava Maria Luzmila.

Peço aos meus irmãos bispos que, como já se está a fazer mesmo nos lugares mais remotos da floresta, continuem a promover espaços de educação intercultural e bilingue nas escolas e nos institutos pedagógicos e universidades. Congratulo-me com as iniciativas tomadas pela Igreja peruana da Amazônia para a promoção dos povos nativos: escolas, residências para estudantes, centros de pesquisa e promoção, como o Centro Cultural José Pío Aza, o CAAAP e o CETA, inovadores e importantes espaços universitários interculturais como NOPOKI, voltados expressamente para a formação dos jovens das diferentes etnias da nossa Amazônia.

Congratulo-me também com todos os jovens dos povos nativos que se esforçam por elaborar, do seu próprio ponto de vista, uma nova antropologia e trabalham por reler a história dos seus povos a partir da sua perspectiva. Congratulo-me também com aqueles que, através da pintura, literatura, artesanato, música, mostram ao mundo a sua cosmovisão e a sua riqueza cultural. Muitos escreveram e falaram sobre vós. É bom que agora sejais vós próprios a autodefinir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos de vos escutar.

Queridos irmãos da Amazônia, quantos missionários e missionárias se comprometeram com os vossos povos e defenderam as vossas culturas! Fizeram-no, inspirados no Evangelho. Cristo também Se encarnou numa cultura, a hebraica, e a partir dela ofereceu-Se-nos como novidade a todos os povos, para que cada um, a partir da respetiva identidade, se sinta autoafirmado n'Ele. Não sucumbais às tentativas em ato para desarraigam a fé católica dos vossos povos. Cada cultura e cada cosmovisão que recebe o Evangelho enriquecem a Igreja com a visão duma nova faceta do rosto de Cristo. A Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida, não quer ser estranha ao vosso modo de viver e de vos organizardes.

Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas. E, a propósito, encheu-me de alegria ouvir um dos textos da *Laudato si'* ser lido por um diácono permanente da vossa cultura. Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena. Com este espírito, convoquei um Sinodo para a Amazônia no ano de 2019, cuja

primeira reunião do Conselho Pré-Sinodal se realizará, aqui, hoje de tarde.

Confio na capacidade de resistência dos povos e na vossa capacidade de reação perante os momentos difíceis que vos toca viver. Assim o tendes demonstrado nas diferentes batalhas da história, com as vossas contribuições, com a vossa visão diferenciada das relações humanas, com o meio ambiente e com a vivência da fé.

Rezo por vós e pela vossa terra abençoada por Deus, e peço-vos, por favor, para não vos esquecerdes de rezar por mim.

Muito obrigado.

Tinkunakama [(língua quéchua) Até ao próximo encontro].

Dialogism and subjectivism in the Pope Francisco's discourse to the Amazon indigenous in Peru

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 4

Number 2

Received in: 14/08/19

Approved in: 14/09/19

Abstract:

In the present article, we goal , based on the Dialogic Language Theory (DLT), to investigate the dialogic-discursive procedures used by Pope Francisco in the first meeting with the indigenous people of Amazonia in Peru. For carry out this study, firstly, we collected Pope Francisco's pronouncement in Vatican's website, and, subsequently, we proceeded with the systematization, analyze, and interpretation of data. The results reveal that, in enunciating, the subject of the discourse took into account his/her recipient/reader for evoking social voices, for one moment, with evaluative tone that convene the auditorium to the reflection, now with evaluative tone that reveals the Church, the universal institution, as benevolent, receptive, and welcoming institution.

Keyword:

Dialogism. Subjectivism. Pope Francisco. Indigenous of Peru.